

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL
 M. F. DO NASCIMENTO BRITO
 Presidente
 WILSON FIGUEIREDO
 Vice-Presidente

MARCELO PONTES
 Editor
 PAULO TOTTI
 Editor Executivo

REDAÇÃO

MARCELO BERABA
 Editor Executivo
 ORIVALDO PERIN
 Secretário de Redação

SISTEMA JB
 SÉRGIO REGO MONTEIRO
 Vice-Presidente
JORNAL DO BRASIL
 HENRIQUE CABAN
 Diretor Executivo

26 JAN 1998

Verdades e Mentiras

Einútil esbravejar contra especuladores e culpá-los pelos reflexos da crise asiática no Brasil. Especuladores não são anjos que se sensibilizam com dificuldades de nações economicamente desequilibradas, nem demônios a serviço de plano diabólico engendrado pelo imperialismo internacional. Assim como dirigentes de bancos centrais não são arcanjos com espadas de fogo para expulsar o mal.

O maniqueísmo só serve a dirigentes irresponsáveis e a políticos anacrônicos. Só há especulação e especuladores porque há moedas artificialmente valorizadas. Assim como só existem agiotas porque há quem pague juros extorsivos. Especuladores normalmente dizem a verdade sobre o valor das moedas. Quem precisa mentir são os interessados em camuflar a ineficiência da economia.

O Brasil se assusta cada vez que os especuladores rondam o Real porque há décadas serviu-se de dinheiro fácil para financiar a gasta irresponsável. É como o correntista esbanjador que saca no cheque especial acima do salário e depois vocifera contra os juros do banco.

Os bancos da Malásia tomaram montanhas de empréstimos aos Estados Unidos e ao Japão, a juros baixos, e emprestaram a juros altos à indústria da construção civil, nas barbas do banco central. Quando as empresas, endividadas em dólar, começaram a vender ringgits em massa, a moeda despenhou. E o especulador foi no vácuo. Sem contar que o banco central malasiano especulou em massa no mercado internacional.

Nem sempre os especuladores são gananciosos apátridas, mas diretores financeiros de empresas, tesoureiros de fundos e bancos, que buscam o máximo de lucro. São pagos para isso. Dão ordens de compra e de venda segundo a oportunidade. Se são seguidos por outros, em várias partes do mundo, podem derrubar a moeda. As avalanches que se abatem sobre moedas sobrevalorizadas são efeitos da globalização.

Quando Nixon rompeu unilateralmente o sistema de paridades monetárias fixas, em 1971, o mundo deixou de viver à mercé dos ministros das finanças das grandes nações, que ditavam as regras, para subordinar-se ao mercado financeiro, que não trabalha com versões mas com fatos. E os fatos são déficits em conta corrente de países que gastaram mais do que produziram, ou que apostaram em empréstimos sem garantias. O Brasil construiu o "milagre econômico" com dinheiro alheio e hoje recebe a conta.

Os ataques especulativos não são resultado de consórcio maquiavélico arquitetado em reuniões secretas do G-7 – o grupo de países ricos do mundo – para escravizar nações pobres. Mas do desenvolvimento acelerado da tecnologia de comunicações, que permite a milhares de investidores decidirem em segundos vender num mercado da Ásia e comprar no Brasil. Ou vice-versa.

Em vez de reclamar dos especuladores, o Brasil tem é que fazer o dever de casa. Fazer as reformas estruturais do Estado, para que a conta do que gasta feche com a do que arrecada. O resto é maniqueísmo inútil, ou palavra de ordem de estudante em passeata.